

# razão e emoção



O ano foi movimentado para Claudia Moreira Salles. Em abril, na feira SP-Design, sua produção mais recente ganhou destaque no stand da Etel, que edita o mobiliário da carioca desde 1991. Em agosto, foi a vez de a Dpot dedicar seu espaço na Made ao instigante mancebo Stand By. Enquanto isso, a editora BEI preparava o livro sobre a coleção de luminárias Sintonia Fina, criada para a lumini em 2015 e que lhe rendeu o prêmio de iluminação no Top XXI Design Brasil.

Em meio a tudo isso, Claudia ainda acompanhou a produção de novos desenhos em uma marcenaria no Brooklyn, Nova York, a serem comercializados pela Espasso, galeria dedicada ao mobiliário moderno e contemporâneo brasileiro. Poltrona, aparador, conjunto de castiçais e a reedição da mesa Canguru, primeira criação autoral da designer, juntaram-se ao mobiliário feito no Brasil em exposição na galeria nova-iorquina, entre setembro e outubro.

A mostra também marcou a estreia do livro, que será lançado no dia 24 deste mês na Dpot, em São Paulo. Com texto de Adélia Borges, entrevista feita por Karen Stein e fotos de Andrés Otero, a publicação revela em detalhes os processos de criação e produção das luminárias, como a fascinante técnica de anodização dos componentes de nióbio, que resulta nas cores iridescentes que marcam as peças.

A seguir, a designer formada pela Escola Superior de Desenho Industrial, no Rio, prestes a completar quatro décadas de trabalho, fala sobre sua produção, a constante busca da expressão com a madeira e a influência definitiva da Bauhaus para criar uma obra que “seduz o corpo e o cérebro”, no feliz comentário do crítico inglês Edwin Heathcote.

Nesta página, detalhes do mancebo Stand By (Dpot); Claudia Moreira Salles na galeria Espasso, em Nova York, junto à reedição da escrivaninha Canguru; e caixinhas para a Etel. Na outra página, detalhe dos bancos Eye Beam (Espasso) e Dominó (Dpot), e a nova poltrona Portuguesa, disponível na Espasso.

**Bamboo** O último ano foi muito produtivo. Como avalia o período?

**Claudia M. Salles** Uma coisa engata a outra. Nesses períodos de criação, a proximidade com a produção traz muitos caminhos para explorar. Ao ir às marcenarias e oficinas para acompanhar os processos, acabo tendo outras ideias, vontade de explorar algum material, forma, ou algo que encontro naquele espaço. O banco Eye Beam, por exemplo, que é uma peça única, partiu de um fragmento de um antigo batente de porta que achei por acaso. Aquele pedaço era uma coisa tão expressiva que resolvi fazer algo com ele. Nesse caso, então, não foi uma ideia que surgiu de uma reflexão ou de uma necessidade.

**B** Na Espasso, o Eye Beam, entre outras peças recentes, se juntou à Canguru, criada em 1983. Por que escolheu fazer uma reedição?

**CMS** Foi o Carlos [Junqueira, fundador da galeria] que veio com essa proposta. Talvez a intenção dele fosse mostrar para o mercado americano uma certa “senioridade”, dizer, “olha, ela já está trabalhando há muito tempo”. A Canguru é o meu primeiro móvel autoral. Eu mesma fiz a produção, e procurei a Nanni Movelaria, do Fulvio Nanni, para fazer a venda. Foi um móvel que deu certo considerando-se que era feito artesanalmente,

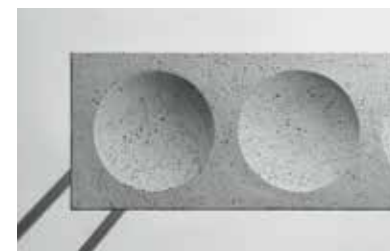
mas parei de produzir um tempo depois. Aliás, porque a quantidade de soldas é muito grande, na nova versão o metal da estrutura foi substituído por madeira, e mantivemos o tampo em fórmica preta, como na original.

**B** Por que produzir nos Estados Unidos?

**CMS** Há vantagens óbvias: cortam-se gastos com embarque, transporte, desembaraços. Pensando na sustentabilidade, faz muito mais sentido produzir perto de onde o móvel será consumido. As madeiras já são aclimatadas e não sofrem como as brasileiras. E, mais uma vez, o contato com quem faz é determinante. Nesse caso, uma marcenaria de jovens no Brooklyn, com uma qualidade de execução excelente. Alguns deles são designers também, ou artistas, então acrescentaram muito. A cadeira Portuguesa, por exemplo, foi trançada por uma das sócias, uma mão de obra que não tinha conseguido encontrar no Brasil.

**B** Como é a poltrona?

**CMS** O desenho é simples, feito a partir de sarrafos redondos de madeira superpostos, deixando os topos aparentes e evidenciando os veios. Queria que tivesse o trançado daquela cadeirinha do Van Gogh, em que a trama converge para o centro do encosto e do assento.



a designer **claudia moreira salles** fala sobre suas criações mais recentes, que incluem objetos e a produção em uma marcenaria no brooklyn, em nova york

**Texto** Livia Debbané  
**Foto** Eliseu Cavalcante, Salvador Cordaro, Fernando Laszlo e Andrés Otero



Eu tinha visto assentos com um papel enrolado semelhante à palha, e resolvi usar o material.

**B** É possível apontar uma característica das novas peças para a Espasso?

**CMS** Elas são todas muito levinhas, percebi isso quando as vi juntas em exposição. As madeiras são claras, então talvez tenha algo de nórdico. E provavelmente isso foi intencional, na medida em que havia uma demanda da galeria por algo leve, que fosse um contraponto ao mobiliário contemporâneo que apresenta.

**B** Recentemente você trabalhou com edições limitadas, e já disse que tem ressalvas em relação a essa ideia. No entanto, essas experiências se mostraram oportunidades para experimentações importantes.

**CMS** Sim, foram muito importantes. Mas para mim é preciso conceituar bem, ter algo que justifique a edição limitada. Nas luminárias, por exemplo, os pedaços de madeira são mais especiais, e há o custo alto e o processo bastante artesanal da transformação de cor do nióbio. Já na mesa Texturas, feita para a Firma Casa, de início achei um exagero fazer apenas três, mas acabou sendo muito difícil

encontrar as toras de madeira necessárias. Essa coleção de 2012, em que misturei concreto, madeira de demolição e alumínio fundido foi um momento chave para mim. Que esses projetos me impulsionaram a evoluir no trabalho, sempre dentro de um mesmo critério e linguagem, acho que sim. E isso eu devo muito ao Waldick [Jatobá, curador].

**B** Você tem criado cada vez mais objetos. Qual a diferença em relação ao móvel?

**CMS** Acho que dois motivos fazem do objeto algo atrativo: reutilizar materiais e passar para outra escala. Quando se usa a madeira, você tem a possibilidade de usar as sobras – realmente usá-las, não é um folclore. Há muita madeira que sobra em marcenarias, e não é por falta de planejamento de corte. Foi pensando nisso que criei os primeiros objetos, para a Etel. Nos novos castiçais, por exemplo, a parte de madeira é mínima, então você pode ter variedade, se dar ao luxo de selecionar um pedaço em que o veio está mais bonito. E há a sensação de imediatismo que o móvel não proporciona, você faz um protótipo e ele já está na escala certa, na sua frente.

**B** Qual o seu ponto de partida ao criar?

**CMS** Busco sempre algum conceito que me empurre a fazer um desenho diferente. O mancebo é um bom caso. Olhei vários modelos na internet, e a maioria era uma variação do mesmo tema: um tripé com uma haste de onde saem braços ou ganchos. Eu não queria que ele tivesse o tripé. O desenho nasceu do exercício de trabalhar uma geometria, e da necessidade de propor algo diferente para aquela função.

**B** O mancebo é exemplar de outras características do seu traço. Por exemplo, os ganchos que se encaixam e ficam quase invisíveis.

**CMS** Ele resume muito da minha intenção no projeto. Alguns dias antes da abertura da exposição na Espasso, fui a uma mostra do Moholy Nagy no Guggenheim. Fiquei impressionada com a ocorrência das formas em alguns desenhos que vi, dos quais não me lembrava, formas que estão sobretudo nesse mancebo. Esse exercício de geometria da Bauhaus foi determinante na minha escolha de fazer design. Em termos formais, o mancebo sintetiza isso: dentro da funcionalidade, a busca por uma geometria pura, em brincar com as formas geométricas, em ter a mistura de materiais, e poder nessa

simplicidade formal ter um gancho elaborado, que não interfere na geometria, mas está disfarçado. E, depois, tem a cumbuquinha para colocar as chaves. Ela dá uma suavizada, uma alegria na forma tão rígida do cilindro com a tábua. É uma finalização natural do desenho, como um ponto ou uma palavra que falta numa frase.

**B** Seu trabalho tem sempre essa combinação do desenho racional e da dimensão tátil da forma final. Você pensa sobre isso ao criar?

**CMS** É uma coisa instintiva. Meu partido é em geral a busca de contrastes nos materiais, que vão se tornar as superfícies das peças, mas se completa no desenho com as formas geométricas. Essa busca é intencional como ideia, mas ela se incorpora de uma forma tão arraigada que acaba sendo muito natural. De uma intenção deliberada passa a fazer parte da sua expressão. Design é muito isso, buscar a sua expressão. E isso deve ter dimensões no seu íntimo que de alguma forma são confortáveis e verdadeiras, porque você está se manifestando através delas, você fica feliz com o resultado, sente prazer na hora que acerta uma proporção, um casamento de materiais ou uma função atendida.

**Veja mais**  
[claudiamoreirasalles.com](http://claudiamoreirasalles.com)